

## **Somos jovens e somos quilombolas: o que pensam e como se percebem imersos em uma sociedade midiática<sup>1</sup>**

Roseli Pereira NUNES<sup>2</sup>

**Universidade de Sergipe, São Cristóvão, SE**

### **Resumo**

O presente trabalho revela, a partir da investigação do cotidiano norteada pela metodologia da pesquisa participante, como um grupo de jovens moradores de uma comunidade formada por remanescentes de quilombolas compreendem sua condição juvenil e, para além disso, de que forma eles se percebem representados, enquanto sujeitos imersos em uma sociedade midiática. Caracterizados como um grupo cultural socialmente rotulado como “excêntrico”, estes jovens muitas vezes desconhecem e/ou renegam suas origens históricas em prol de rotulações que os aproximem mais daquilo que chamam de “moderno”. Assim sendo, os apontamentos analisados mostram a existência de um grupo de jovens descendentes de quilombolas do interior sergipano, fortemente embutidos em um contexto contemporâneo da nossa sociedade midiática.

**Palavras-chave:** Jovens; Quilombolas; Percepção; Representação Midiática.

### **Introdução**

Conforme a literatura pertinente, não se trata de uma tarefa fácil definir a categoria jovens e/ou juventude objetivando abranger nesta definição os aspectos sociais, culturais e econômicos, entre outros, nos quais os indivíduos estão envolvidos. Evidenciam-se nesta tentativa, as tendências de fazê-la não considerando apenas os enfoques predominantes que são dados pela psicologia e/ou pela biologia.

Ainda que pensar o conceito de juventude implique, obrigatoriamente, a tomada de um caminho permeado por muitas tensões – as quais se deixam traduzir, entre outros aspectos, pela extensa multiplicidade de significados atribuídos ao tema -, percebe-se que a definição

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ DT78– Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro-RJ (V Colóquio Brasil-Argentina de Ciências da Comunicação) realizado de 4 a 7 de setembro de 2015.

<sup>2</sup>Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (Prodema-UFS), Especialista em Escola e Comunidade (UFS), Radialista (UFS), Graduada em Jornalismo (UFS), e-mail: [roseli.aju@gmail.com](mailto:roseli.aju@gmail.com).

de uma faixa etária é utilizada como um ponto de partida recorrente em diversos trabalhos. Assim, parte-se de uma classificação predominantemente etária, abrangendo o ciclo que vai dos 15 aos 24 anos<sup>3</sup>, cuja principal característica é a sua transitoriedade, razão pela qual está fadada a ser perdida com o passar dos anos (UNESCO, 2004).

Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se na medida das mutações sociais que vêm ocorrendo ao longo da história (BOURDIEU, 1983). No contexto contemporâneo, onde são múltiplas as possibilidades de escolhas e de vivências que se apresentam à condição juvenil, Dayrell (2002) destaca que para a construção de uma noção de juventude sob o viés da diversidade, é necessário não considerá-la presa à critérios rígidos e predeterminados. Para ele, trata-se de um processo mais amplo que ganha moldes no contexto das experiências vivenciadas de maneira individual e nos diferentes grupos sociais, e é nesta perspectiva que deve ser compreendido.

Neste sentido, ser jovem no meio rural pode ser muito diferente do ser jovem nas grandes metrópoles, da mesma forma que ser jovem de classe média pode não ser igual a ser jovem nas camadas populares, dentre outros exemplos<sup>4</sup>. No entanto, nada impede que, mesmo pertencendo a espaços geográficos e nichos sociais diferentes, haja inúmeras semelhanças.

Corroborando com a supracitada explicação, Esteves e Abramovay (2008) afirmam ainda que todo o contexto que permeia e entrelaça este processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se insere o sujeito, assim como pela qualidade das trocas que este realiza com os demais e as especificidades do entorno. Enfim, é possível dizer que não existe um único modo de ser jovem, o que leva a literatura a enfatizar a ideia de juventudes, no plural,

---

<sup>3</sup> É comum o uso da faixa etária de 15 a 24 anos na definição de juventude. No entanto, tal procedimento não é unanimemente adotado. No debate contemporâneo, não são raros aqueles que defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, uma vez que a construção da autonomia – característica fundamental dessa etapa da existência – avança crescentemente sobre os anos a partir desse ciclo etário. Conforme dados do IBGE (2004), a condição juvenil vem sendo crescentemente prolongada em alguns países, como por exemplo, no Brasil, onde, por conta de uma série de injunções, como maior permanência no sistema educacional e dificuldade de ingresso no mercado de trabalho, tal condição foi estendida também para 29 anos. Também a redução deste limite etário para 10 anos é um fenômeno contemporâneo, analisado por autores da sociologia e da educação.

<sup>4</sup> Partindo dessa premissa, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), refere-se a significação das juventudes no sentido de que não se pode renunciar nem ao plural (os jovens) nem ao singular (a juventude como posição numa relação entre gerações). Assim, trata-se das várias formas, diferentes do ponto de vista do gênero e do grupo social, com que os jovens enfrentam um problema comum, o das suas relações com a geração que os precedeu e com o mundo adulto.

conforme noção compartilhada por diversos autores, dentre os quais, Margulis e Urresli (1996), Carrano (2000), Novaes e Vital (2006), entre outros.

É nesse movimento de juventude, jovens - que estão imersos em dispares culturas – e transformações que cada grupo sofre com as influências do meio – seja este físico ou não -, que o texto aqui presente vem abordar a temática com o respaldo da análise de um grupo formado por 30 jovens com idades entre 10 e 24 anos<sup>5</sup>, moradores do Povoado Rua da Palha, localizado na cidade de Santa Luzia do Itanhi, que fica na região sul de Sergipe, que tem na pesca de subsistência e na agricultura familiar as principais atividades econômicas, sendo esta uma comunidade caracterizada por ser um dos berços remanescentes de quilombolas do Estado<sup>6</sup>.

Apesar de inseridos em um contexto histórico que os classificam como sendo uma comunidade tradicional, os jovens do Povoado Rua Palha pouco se reconhecem como tal, preferindo muitas vezes renegar tal aspecto cultural, buscando rotulações que os aproximem daquilo que consideram como sendo moderno. Ademais, usuários de diferentes meios de comunicação de massa e consumidores diários dos mais diversos conteúdos midiáticos não se dizem representados pela mídia generalista, afirmando que o olhar “estrangeiro” sobre eles, difere da percepção que têm de si próprios.

### **Sociabilidade e identidade: considerações sobre a condição juvenil**

Aliada às expressões culturais, outra dimensão da condição juvenil apontada pela literatura se refere à sociabilidade. Para Abramo e Branco (2005) trata-se de um momento privilegiado no qual os jovens vão se descobrindo como indivíduos, buscando um sentido para existência individual, em que o grupo de amigos cumpre papel fundamental na trajetória da juventude, principalmente na chamada fase da adolescência em que

---

<sup>5</sup> De acordo com informações da Prefeitura Municipal de Santa Luzia do Itanhy, o povoado Rua da Palha possui aproximadamente 200 pessoas com idades entre 14 e 24 anos, faixa etária definida como “jovem” pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, mas que, no entanto, como relatado anteriormente, não perfaz como unanimidade entre os teóricos e as nações. Assim, para este estudo, optou-se por considerar o que afirma Abramo (1997) que, em comunidades rurais ou de pobreza extrema, a idade inicial se desloca para baixo e inclui o grupo de 10 a 14 anos.

<sup>6</sup> De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Santa Luzia d Itanhi (2011), a Rua da Palha possuía à época, o segundo maior número de remanescentes quilombolas do município, sendo que aproximadamente 80% da população tem traços que remetem ao período da escravidão e do funcionamento dos engenhos na região. O processo de reconhecimento como remanescente de quilombolas foi iniciado em 2005.

Como qualquer outro grupo, os jovens procuram agrupar-se por afinidades em torno dos mais diferentes interesses, sejam eles artísticos, culturais, políticos, e assim por diante. Existe também um esforço da juventude para diferenciar-se em busca de expressão de sua individualidade (GROPPO, 2000, p.31).

De acordo com estudos acerca da temática, há uma sinalização para a centralidade desta dimensão que se desenvolve nos grupos de pares, preferencialmente nos espaços e tempos de lazer e da diversão, mas também presente em ambientes institucionais como na escola ou mesmo no trabalho. Segundo Pais (1993), os amigos do grupo constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros. Assim,

o grupo de pares responde a necessidades de comunicação, de solidariedade, de autonomia, de trocas, de reconhecimento recíproco e de identidade. A força atrativa dos primeiros grupos de pares favorece a construção de uma autonomia em relação ao mundo adulto (PAIS, 1993, p.98).

Segundo Dayrell (1999), geralmente é nas expressões da sociabilidade que se inicia a ampliação das experiências de vida, quando alguns jovens começam a trabalhar, passam a ter mais autonomia para sair de casa à noite e poder escolher as formas de diversão. É também quando procuram romper com tudo aquilo que o prende ao mundo infantil, buscando outros referenciais para a construção de uma identidade fora da família.

Retomando as assertivas acima descritas sobre o fato de não existir um padrão único de juventude e cada sujeito vivenciar esta fase de forma própria, conforme especificidades pessoais e o contexto social, faz-se necessário ressaltar que a vivência da juventude tende a ser caracterizada por experimentações em todas as dimensões da vida subjetiva e social, possibilitando novas vivências, sensações e emoções que trazem conhecimentos sobre si mesmos e do mundo.

Neste contexto, Carrano (2000) afirma que a fonte da identidade está cada vez mais centrada nos indivíduos, os quais vêm adquirindo a capacidade autônoma de se definir como tais, construindo a identidade como algo que não está dado e que não vem de uma vez para sempre, mas sim, que é constituída mediante as referências socioculturais, locais e globais, pois, o campo de escolhas que se apresenta possibilita ampliar a esfera da liberdade pessoal e o exercício da decisão voluntária. Em outras linhas

A identidade é vivenciada como uma ação e não tanto como uma situação: é o indivíduo que constrói a sua consistência e seu reconhecimento no interior dos limites postos pelo ambiente, pelos contextos históricos e pelas relações sociais que estabelece (CARRANO, 2000, p.22).

Corroborando com o supracitado autor, Stuart Hall (2005) considera que as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas. Segundo o autor, a concepção sociológica clássica aponta que a questão da identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade, de modo que a identidade na concepção da Sociologia preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público, já que

O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis (HALL, 2005, p.12).

Podemos dizer, então, que a identidade é, antes de tudo, construída em um processo de aprendizagem, o que implica no amadurecimento da capacidade de integrar o passado, o presente e o futuro, e também articular a unidade e a continuidade de uma biografia individual. É neste contexto que os conteúdos midiáticos aparecem enquanto parte dos fatores externos que contribuem para a formação de traços identitários que caracterizam não apenas sujeitos individualmente, mas também, que norteiam interesses do grupo de afinidade, como gostos musicais, literários, esportivos, entre outros.

Desta feita, é impossível afastar os mais variados conteúdos midiáticos das rotinas juvenis. E, em maior ou menor grau, pode-se afirmar que eles se fazem presente nos diferentes grupos socioeconômicos, seja como forma de entretenimento ou lazer, fonte de informação ou enquanto plataforma divulgadora de conteúdos que, após selecionados, passam a fazer parte dos repertórios cotidianos deles. .

Por meio da intensificação da velocidade das informações e do acesso a elas, os jovens entram em contato e, de alguma forma interagem com as dimensões locais e globais, que se determinam mutuamente, mesclando singularidades e universalidades, tendo acesso a diferentes modos de ser, a diferentes modos de viver, a diferentes modelos sociais que terminam interferindo nos processos identitários.

Para tanto, a construção da identidade deve ser compreendida, antes de tudo, como um processo relacional, ou seja, um indivíduo só toma consciência de si na relação com os demais. Trata-se de uma interação social, o que aponta para a importância do pertencimento grupal e de suas relações solidárias para o reforço e garantia da identidade individual.

### **Percepções de uma juventude quilombola e a representação midiática**

A perspectiva de percepção aqui utilizada, diz respeito à proposta por Tuan (1983) quando a define como sendo tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital em que certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem ou são bloqueados. Desta maneira, Palma (2005) acrescenta que a percepção é baseada nos conhecimentos, na cultura, na ética, e na postura individual, o que faz com que cada pessoa tenha uma percepção diferenciada para o mesmo objeto.

[...] pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, de atribuir valores às suas partes e de medi-las. Deste modo, a percepção não pode ser considerada errada ou inadequada, mas sim condizente com o espaço vivido. Ela é parte de um processo de construção e reconstrução do ser social (TUAN, 1983, p. 39).

De igual maneira, a percepção também não pode ser entendida como sendo objetiva, pois é composta por um conjunto de realidades subjetivas (DEL RIO, 1996), que são caracterizadas pela personalidade, familiaridade e experiência da visão interior individual. Assim, em concordância com a literatura pertinente, as pessoas percebem objetos, fatos e acontecimentos de maneiras diferenciadas, em função de fatores internos – representação destes para seus repertórios pessoais -, assim como de fatores externos – culturais, sociais e econômicos, por exemplo, que perfazem suas realidades.

No contexto das percepções, a indústria cultural, através dos meios de comunicação de massa, busca a representação<sup>7</sup> dos diferentes grupos (culturais, étnicos, sociais, gêneros, etc) enquanto potenciais consumidores simbólicos ou reais dos produtos midiáticos. No entanto, Fraser (1989) ressalta que tal “tentativa” costuma recair na mera criação e/ou manutenção de rotulações e estereótipos de grande parte dos chamados nichos minoritários e, entre eles, podemos citar os jovens remanescentes de quilombolas.

---

<sup>7</sup> Representação vem do vocábulo latino representationis e significa “imagem ou reprodução de alguma coisa”, analógico, imitação de objetos, eventos processos e relações. Segundo Soares (2007) a raiz semântica do termo representação, sugere a ideia de reapresentação, evocação ou simulação inserindo a noção de semelhança figurativa (imagem), correspondência estrutural (diagrama), ou processual (narrativa ou encenação), apresentando alguma semelhança ou correspondência formal com o que representa.

A representação midiática se fazer presente através de discursos e de mensagens verbais e não verbais. Ela acontece através de personagens da ficção, de peças publicitárias, ou até mesmo da própria edição de cenas e fatos do cotidiano, assim como da escolha dos produtores que determinam a relevância deste assunto em detrimento de outro. Apesar de a representação ser uma versão/interpretação da realidade com o objeto que pretende atribuir significado, a estereotipização dos chamados grupos minoritários aparece como ponto de destaque para os sujeitos deste estudo.

No que concerne aos moradores do Povoado Rua da Palha, o aspecto cultural da comunidade (remanescentes de quilombolas) é percebido por 90% dos jovens participantes deste estudo como sendo algo negativo. Elevado percentual que, segundo eles, está diretamente relacionado a forma como são mostrados pelos meios de comunicação de massa e percebidos pela maioria das pessoas, pois, afirmam que o senso comum lhes atribui o título pejorativo de parentes e /ou escravos.

Para Freire Filho (2004) o sentimento de equivoco acima descrito, certamente acontece também com relação à representação midiática de negros, homossexuais, moradores de favelas, entre outros grupos inferiorizados, uma vez que eles tendem a ser mostrados mediante simples levantamento estático de representações estereotipadas, sem maior embasamento histórico e teórico que os contextualize de maneira que

(...) a fragmentação do real se configura como elemento de construção de estereótipos, pois a simplificação da realidade nas abordagens de mídia contribui com a coisificação do objeto, além de promover um “esvaziamento crítico” do público mediante representações simplórias apresentadas como retratos da realidade (MARCONDES FILHO, 1989, p.41).

Deste modo, o citado autor acrescenta que a compreensão do público receptor dos conteúdos midiáticos acerca dos processos de produção no qual acontece a descontextualização dos indivíduos representados, faz-se necessária para que haja de fato uma percepção ampliada deste “diferente” tanto para o olhar externo quanto para a própria aceitação diante daquela representação midiática, uma vez que perdura a tendência à deturpação dos valores de determinados grupos com respaldo apenas para o aspecto “sensacional” que interessa à mídia.

Renegando esta característica histórica da comunidade, os jovens da Rua da Palha buscam naquilo que vem de fora através dos meios de comunicação, incorporar em seus cotidianos, aspectos socioculturais que julgam aproximá-los mais daquilo que chamam de “moderno”. Assim, desconhecem danças tradicionais como o maculelê e o samba de cocô – ainda mantidas pelos mais velhos da comunidade que relatam a dificuldade de manutenção por causa do desinteresse dos mais novos -, enquanto conhecem e apreciam ritmos musicais como o funk carioca e o sertanejo universitário, apesar de nunca terem ido aos lugares onde eles originaram.

Neste contexto, os estereótipos representam cargas de juízos de valor, baseados em aspectos emocionais, que criam uma interpretação prévia do fenômeno ou objeto para o indivíduo. Deve-se, entretanto, diferenciar as classificações do processo de estereotipização e reconhecer o caráter valorativo deste conceito, segundo Baccega (1998). Para ela, os estereótipos, quando auxiliam a orientar o indivíduo em seu grupo social quanto às normas para seu equilíbrio e a agilização das percepções, podem ser categorizados como conformidade. Porém, se os estereótipos agem de modo a ceifar a participação e a interação de certos grupos, limitando enquanto sujeitos em sua transformação do real.

### **Apontamentos sobre os jovens quilombolas**

A juventude aparece socialmente dividida em função dos interesses, das origens sociais, das perspectivas, aspirações, etc. Assim, conferir importância a este pressuposto metodológico tem sido entendido como sendo mais conveniente do que correto, pois, “[...] como se tem vindo a insistir, a noção de juventude é umas das que mais se têm prestado a generalizações arbitrárias” (ABRAMO, 1997, p.60).

Os jovens do povoado Rua da Palha podem ser categorizados como pessoas felizes. Assim ficou constatado mediante questionamento acerca da satisfação deles com a vida que têm, onde todos os 30 participantes afirmaram estar felizes. Apesar de relatos enfatizando aspectos que encaram como sendo dificuldades, como a falta de recursos financeiros e o desejo por bens materiais, os jovens se dizem satisfeitos e atribuem esta à família, aos amigos e a não terem maiores problemas relacionados à saúde.

A esperança e a crença em realizações pessoais futuras que envolvem trabalho e renda são enfáticas e constantes nos discursos da juventude participante deste estudo, pois para 100%



deles, o principal a se esperar do futuro é a conquista de uma profissão e/ou emprego que lhes garantam uma “boa” renda. De acordo com as falas, eles almejam uma ocupação profissional “melhor do que a pesca” afirmando ser esta uma atividade na qual ganha pouco e cansa muito. “Quero trabalhar numa coisa melhor que a maré pra poder dá um dinheiro pra minha mãe” (E.L.S., 21 anos). Ou ainda: “Ter um emprego bom pra poder ajudar meu pai e meus irmãos. Eles é tudo da maré e só ganha pra comer e comprar pouca coisa de casa” (C.D.M., 12 anos)<sup>8</sup>.

No que concerne à concepção cultural da condição juvenil, os jovens do povoado Rua da Palha são enfáticos ao dizer que pertencem “simplesmente” ao grupo daqueles “que ainda não tem grandes responsabilidades, gostam de sair com os amigos, ficar em casa vendo TV e bater papo na internet” (J.L.S., 14 anos). Mediados pelas tecnologias da informação, estão diariamente interligados aos fatos e acontecimentos pertencentes às mais diferentes realidades através das possibilidades permitidas pelos meios de comunicação, em especial televisão, internet e rádio, respectivamente.

Assim como o fogão a gás e a geladeira, o aparelho de televisão é o eletrodoméstico presente em 100% das casas dos 30 jovens participantes deste estudo. Ademais, foi citado por 41<sup>9</sup>% deles como sendo um objeto de desejo, tendo em vista que eles não possuem um aparelho para uso particular. Em se tratando da diversão no ambiente doméstico, 43% diz ser a TV sua principal fonte de lazer, seguida pelo telefone celular 23,52% (também destacado como diversão fora de casa), computador, 12,88%, o som e 10,60% e a família.

Os gêneros da TV apontados como os que mais agradam os sujeitos participantes deste estudo foram o entretenimento – abrangendo desde as telenovelas, assistidas por homens e mulheres da comunidade, até os programas de variedades -, os esportivos – que segundo eles, agradam por mostrarem diferentes modalidades e também por ressaltar as histórias de superação de muitos atletas pobres que ganharam destaque nacional e internacionalmente –

---

<sup>8</sup>Na percepção destes jovens, ter uma profissão diferente da de pescador representa a possibilidade de obter uma renda maior do que a dos pais, possibilitando a manutenção dos gastos deles e auxílio de familiares cujo sustento depende da pesca. Ademais, de acordo com os mesmos, a vida do pescador é de grande desgaste físico e com pouco ganho material.

<sup>9</sup>De acordo com Fischer (2002), predomínio da televisão pode ser atribuído ao fato de se tratar de um objeto de baixo custo, com facilidade de compra e que, culturalmente está presente na maioria das residências brasileiras como forma de acesso à informação e ao entretenimento.

e, em terceiro, citaram os informativos – para eles, os telejornais são a principal forma de se manter informado sobre o local e o global, sendo que a “verdade” jornalística corresponde ao que de fato acontece.

Os assuntos em destaque, os interesses pessoais e profissionais, os desejos e anseios dos jovens do povoado Rua da Palha são, em grande escala, elencados a partir daquilo que vivenciam através dos meios de comunicação, de forma que a cultura midiática por eles consumida e absorvida se entrelaça às especificidades locais pertinentes à realidade das relações sociais destes sujeitos - como a prática pesqueira, por exemplo, vivenciada tanto para a captação de renda quanto para lazer e diversão.

Mesmo se configurando como algo distante, eles sabem, conhecem e desejam aquilo que não pertence ao seu repertório social mas que diariamente consomem de maneira simbólica através dos meios de comunicação de massa. A exemplo, foram mencionados produtos relacionados a artistas, como os das marcas do Mc Guimê e da banda Aviões do Forró, cujas lojas físicas existem apenas em regiões específicas do país, e o contato destes jovens com elas se deu apenas virtualmente através da internet.

No que se refere ao acesso à internet, no povoado existe apenas uma *lanhouse* com 4 computadores para a utilização da comunidade. Apenas dois jovens participantes afirmaram possuir computador ligado à internet em casa. Porém, todos os 30 acessam a rede mundial de computadores através de aparelhos de telefone do tipo *smartphone*<sup>10</sup> cuja conexão acontece majoritariamente pelo sistema pré-pago.

Com relação ao uso da internet, vale destacar os seguintes resultados obtidos:

- 100% dos jovens possuem mais de 1 rede social e as acessa mais de uma vez por dia, durante todos os 7 dias da semana;
- 65% possuem mais de um jogo no aparelho de telefone, porém, o acesso não é tão frequentes quanto as redes sociais;
- 53% dizem usar a conexão através do aparelho celular para acesso a conteúdos informativos, sendo que para 35% deles redes sociais como *facebook* e *whatsapp* são consideradas fontes informativas seguras;

---

<sup>10</sup>Segundo dados da Anatel (2013), são 268, 44 milhões de celulares ativos, sendo 79,06% pré-pagos e 20,94% pós-pagos. A banda larga móvel totalizou 85,31 milhões de acesso, dos quais 398,62 mil são de terminal 4G.

- 100% faz uso diário do aplicativo *whatsapp* o considera como indispensável em suas rotinas diárias;
- 38% afirma publicar pelo menos 3 vezes na semana fotos e acontecimentos de seus cotidianos nas redes sociais. Os demais, 62% preferem apenas acompanhar as rotinas de outras pessoas e publicar comentários sobre fatos que lhes são alheios;
- Todos os 30 jovens participantes deste estudo consideram a internet algo essencial para suas vidas e dizem não conseguir ficar mais de 3 dias sem acesso à conexão<sup>11</sup>.

Apesar do predomínio da TV e da internet, os programas radiofônicos também fazem parte do cotidiano dos jovens da Rua da Palha através da programação musical das emissoras de rádio, sendo as sintonias da capital, Aracaju, citadas como prediletas. Apesar de afirmarem consumir frequentemente programas de rádio, o conteúdo jornalístico não agrada os jovens do povoado. Segundo eles, “é mais difícil entender a notícia sem ver a imagem” (J.M.S., 21 anos). O hábito de ouvir música ainda está diretamente relacionada à função do aparelho de rádio, pois tal prática não costuma acontecer através de outros dispositivos como aparelhos mp3, celulares ou *home theater*.

Momentos de lazer e de diversão representam parte importante do cotidiano dos jovens do povoado. De acordo com eles, é fundamental para a vida na comunidade a manutenção de bom relacionamento com outros jovens, assim como a formação de grupos a partir dos gostos e identificações existentes entre eles. Questionados sobre os hábitos de diversão deles, entre as respostas dos 30 participantes, todos citaram 3 itens em comum: assistir TV, ficar *online* na internet, jogar bola e\ou brincar na quadra; ir pra festas; e ir pra maré.

Apesar de não exercerem a pesca como atividade profissional, 88,23% dos jovens entrevistados disse praticá-la como forma para a obtenção de algum dinheiro (apenas dois não realizam). Eles costumam ir aos finais de semana e no período de férias, quando vão com frequência maior, chegando a ir quase que diariamente, a depender dos fatores naturais. Sobre o destino que dão ao dinheiro que ganham com o pescado, houve, entre as respostas o predomínio da compra de roupas, gastos com festas e manutenção da internet no aparelho de telefone celular.

---

<sup>11</sup>Nesta perspectiva, os próprios jovens apontaram uma mudança comportamental com relação ao uso prioritário do dinheiro que conseguem com atividades relacionadas à pesca e à agricultura. Se antes a maior parte era destinada à compra de itens de vestuário, agora eles usam para manter a internet no aparelho de telefone celular.

Os jovens percebem a pesca como a principal atividade econômica desenvolvida na Rua da Palha, porém, é a profissão menos almejada pelos jovens da referida localidade. Isto foi o que sinalizou as respostas referentes ao seguinte questionamento: Qual a atividade de trabalho desenvolvida no povoado que você gostaria de fazer? E qual não gostaria? Um total de 85% afirmou não desejar ter a pesca como atividade profissional, pois atribuem a ela características como elevado desgaste físico, pouco ganho financeiro e baixo prestígio social.

Neste interim, para 100% dos jovens entrevistados a educação é um caminho para mudança de status social e aumento de renda, pois compreendem a formação escolar como sendo mediadora para a possibilidade de outras oportunidades de trabalho e associam isto ao fato de estarem estudando, já possuem escolarização maior do que a dos pais e o desejo de cursar uma universidade. Todos eles sinalizaram a vontade de ingressar em uma instituição de ensino superior, com predomínio de licenciaturas, educação física e cursos técnicos.

Na busca pela efetivação das sonhadas melhorias socioeconômicas, é frequente a saída de jovens do povoado, geralmente para os estados do Rio de Janeiro e São Paulo onde costumam trabalhar em atividades da construção e prestação de serviços (os homens) e em serviços domésticos (as mulheres). Cabe ressaltar que para eles, o motivo da saída é a busca por melhores oportunidades de emprego, mesmo não sendo um desejo pessoal ir morar fora do povoado.

Neste contexto, este trabalho apresentou alguns apontamentos referentes a um grupo formado por 30 jovens com idades entre 10 e 24 anos, moradores de um povoado do interior sergipano caracterizado pela origem quilombola, cuja principal atividade econômica é representada pela pesca artesanal e a agricultura familiar. Imersos em um entorno midiático, tem nos meios de comunicação de massa importantes fontes de entretenimento e lazer essenciais para seus cotidianos, e que acessam a internet diariamente.

Faz-se necessário ressaltar que estes jovens se consideram pessoas felizes apesar de insatisfeitas com alguns aspectos de suas vidas – a falta de perspectivas de empregos no povoado e a necessidade de sair de lá são os principais apontamentos deles a este respeito –, e que percebem de forma positiva as relações sociais que são estabelecidas na comunidade. O fato de desconhecerem e/ou renegarem a origem quilombola esta diretamente relacionada

à forma como esta característica cultural é mostrada pela mídia e percebida socialmente, uma vez que, para eles, tal rotulação os atribui aspectos tidos como negativos.

Ademais, há o predomínio da atribuição de valores afetivos de caráter positivo dos jovens ao povoado, evidenciados por eles mediante as relações de lazer e sociabilidade que estabelecem com a comunidade como um todo. Para eles, a Rua da Palha é um lugar majoritariamente bonito e feliz apesar de também atribuírem valores afetivos negativos relacionados a fatos e situações recorrentes no local e que se refere a falta de limpeza, segurança e prestação de serviços públicos.

### **Referências bibliográficas**

ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M.. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 351-368, 2005.

ABRAMO, H. W. **Considerações sobre a temática social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. n. 5 e 6, p. 25-36, mai-dez. 1997.

BACCEGA, M. A **Comunicação e linguagem: discursos e ciência**. São Paulo: Moderna, p.35 – 87, 1998.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero. 1983.

CARRANO, P. C. R. **Juventudes: as identidades são múltiplas**. Revista Movimento. Faculdade de Educação/UFF. Rio de Janeiro. DP&A, 2000.

DAYRELL, J. **Juventude, grupos de estilo e identidade**. Revista em Educação. Belo Horizonte, n. 30, p. 25-39, 2002.

\_\_\_\_\_. **Juventude, produção cultural e a escola**. Caderno do Professor. Belo Horizonte, n. 9, abr. 1999.

DEL RIO, V. **Cidade da mente, Cidade Real: Percepção ambiental e revitalização na área Portuária do Rio de Janeiro**. In: DEL RIO, V.; OLIVEIRA, L. **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Carlos: UFSCAR, 1996.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. **Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas**. VI Congresso Português de Sociologia, 2008. <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/254.pdf>

FISCHER, R.M.B. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** Educação & Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, 2002.

FRASER, Nancy. **Unruly practices. Power, discourse and gender in contemporary social theory.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

FREIRE FILHO, João. **Mídia, estereótipos e representação das minorias.** ECO-PÓS, vol. 7, nº 2, p. 45-71, 2004.

GROPPO, L. A. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DFEL, 2000.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por Amostra de Domicílios.** Síntese dos Indicadores de 2009. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/trabalhoe rendimento/pnad2009/pnad sintese 2009.pdf>.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia: Jornalismo como Produção Social de Segunda Natureza.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

MARGULIS, M.; URRESTI, M. **La juventud ES más que una palabra,** Buenos Aires, Biblos, 1996.

NOVAES, R. R.; VITAL, C. A juventude de hoje: (re) invenções da participação social. In: THOMPSON, A. A. (Org). **Associando-se à juventude para construir o futuro.** São Paulo: Peirópolis, 2006.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PALMA, I. R. **Análise da percepção ambiental como instrumento ao planejamento da educação ambiental.** Porto Alegre, 2005.

SOARES, S.G. **Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação, otimismo exarcebado e lucidez pedagógica.** São Paulo: Cortez, 2007.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar: perspectivas da experiência. São Paulo: Difel, 1983.  
UNESCO, Políticas De/Para/Com Juventudes, Brasília, Unesco. 2004.